Revolução socialista e a paz

05/11/2017

=”” width=”600?]

Em 03 de março de 1918, a Rússia decidiu deixar a Grande Guerra. Tratava-se de uma reivindicação do processo revolucionário. Entre as três primeiras medidas do II Congresso dos Soviets depois da tomada to poder em 25 de outubro esteve o “Decreto sobre a paz” que afirmava propor “o começo imediato das negociações de uma paz justa e democrática”. Decide também dar a público todos os documentos secretos assinados pelo czar com seus aliados na guerra, como parte da denúncia da guerra imperialista.

Pela paz Leon Trotsky, comissário do povo / ministro de relações exteriores, não poupou esforços em procurar um fim que envolvesse França e Reino Unido e garantisse paz a todas as nações. No entanto, a intransigência das nações imperialistas fez com que a Rússia saísse sozinha da Guerra, e não sem sanções. A nação perdeu parte significativa de seu território que envolvia indústrias e minas de carvão. O tratado foi assinado com a Alemanha na cidade de Brest-Litovski que fica, atualmente, na Bielorrússia

[/box]

A LUTA DOS POVOS OPRIMIDOS – POR LÚCIO DA COSTA

A Revolução Russa cujo centenário ora se comemora, tanto deu impulso inaudito ao movimento de libertação nacional dos povos da África, da Ásia e da América Latina, quanto renovou e ampliou a significação da luta de libertação dos povos submetidos ao jugo colonial-imperialista.

As razões desta capacidade de polarização, bem como de renovação do pensamento socialista devem ser buscados nas dimensões da Revolução Soviética: nela foram envolvidos dezenas de países, a vivenciaram cerca de 1/3 da população mundial

Inicialmente, as dezenas de nações submetidas à milenar autocracia dos imperadores russos e, nos anos e décadas seguintes os povos submetidos ao domínio dos impérios europeus, japonês e dos Estados Unidos aprenderam que era possível enfrentar e vencer ao domínio imperial.

Na tradição da I e da II Internacional o tema da opressão colonial era extremamente marginal se limitando *“ apenas a um grupo restrito de problemas que diziam respeito, no máximo, às nações ‘civilizadas’. Irlandeses, húngaros, poloneses, finlandeses, sérvios e algumas outras poucas nacionalidades”*.

Tanto assim que, para o líder revolucionário vietnamita Ho Chi Min a questão nacional na I e II Internacionais se limitava a *“expressões de posicionamento puramente sentimentais que não levam a nada”*.

Na questão nacional o abandono pela II Internacional do marxismo como método de analise em prol do determinismo, do positivismo que hegemonizou a produção intelectual no século XIX e, em boa parte do século XX ganhará nitidez com as formulações de Eduard Bernestein, líder do setor revisionista do Partido Social-democrata da Alemanha, para o qual *“a civilização superior tem sempre, em relação às inferiores, o maior direito pelo seu lado e, em certos casos até o direito histórico, ou melhor, o dever de submetê-las (…) Só se pode reconhecer um direito condicionado dos selvagens sobre os territórios por eles ocupados. A civilização superior tem aqui, em última análise, também o direito superior”*.

Na contramão da acomodação a ordem colonial a Revolução Russa, ela própria realizada na periferia do sistema capitalista, colocará a questão da luta contra a opressão dos povos da Ásia, da África, da América Latina como um elemento central dos debates e da ação levada adiante pelos socialistas.

Em 1919, ao assinalar a vinculação e a solidariedade entre a luta de emancipação do proletariado europeu e dos povos oprimidos o Manifesto da Internacional Comunista, redigido por Trotski, diria:

Nenhuma emancipação das colônias é possível a menos que as classes trabalhadoras da metrópole se emancipem. Os operários e camponeses, não só em Anam, Argélia, Bengala, mas também na Pérsia e na Armênia, atingirão a sua independência apenas na hora em que os trabalhadores de Inglaterra e da França derrubarem Lloyd-George e Clemenceau e tomarem o poder nas suas próprias mãos. […] Se a Europa capitalista envolveu a força as partes mais atrasadas do mundo no remoinho das inter-relações capitalistas, a Europa socialista está preparada para auxiliar as colónias emancipadas através da sua técnica, da sua organização, da sua moral e influência intelectual, de modo a facilitar a transição daquelas para uma economia socialista devidamente organizada. Escravos coloniais da África e da Ásia! Quando soar à hora da ditadura do proletariado na Europa, terá chegado à hora da vossa libertação.

Em 1920, no Azerbaijão, em Bakú, foi realizado por convocatória da III Internacional Comunista – organização de partidos revolucionários fundada posteriormente a vitória da Revolução Soviética – o Congresso dos Povos do Oriente.

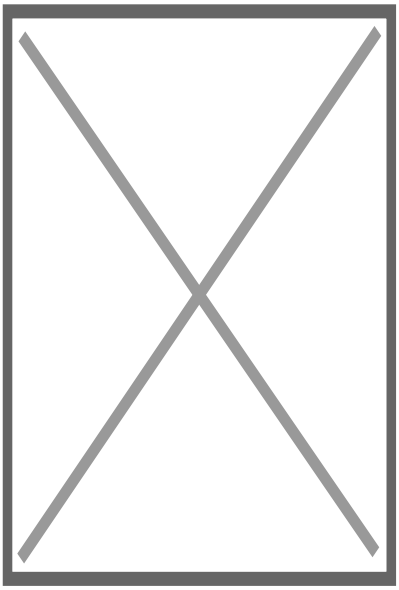
Num evento sem igual até o momento na tradição socialista participaram 1891 delegados (as) vindos da Turquia, Pérsia, Egito, Índia, Afeganistão, Baluchistão, Kashgar, China, Japão, Coréia, Arábia, Síria, Palestina, Bucara, Khiva, Daguestão, Cáucaso Norte, Azerbaijão, Armênia, Geórgia, Turquestão, Ferghana, a Região Autônoma de Carmúquia, a República Tártara e o Distrito do Extremo Oriente.

O peruano Jose Carlos Mariategui, junto com o cubano Juan Antonio Mella um dos fundadores do marxismo latino-americano, no artigo “Oriente e Ocidente”, publicado em 1925, reconhece a relevância do Congresso de Baku:

Em agosto de 1920 se efetuou em Baku, apadrinhada e convocada pela Terceira Internacional, uma conferência revolucionária dos povos do Oriente. A revolução social necessita historicamente da insurreição dos povos coloniais. A sociedade capitalista tende a restaurar-se mediante uma exploração mais metódica e intensa de suas colônias políticas e econômicas: a revolução social tem que levantar aos povos coloniais contra a Europa e os Estados Unidos para reduzir o numero de vassalos e tributários da sociedade capitalista.

Ho Chi Minh ao refletir sobre sua trajetória política dirá que *“em primeiro lugar, foi o patriotismo, e não o comunismo, que me levaram a acreditar em Lênin e na Terceira Internacional. … eu me dei conta de forma gradativa de que somente o socialismo e o comunismo poderiam libertar as nações oprimidas e o povo*

trabalhador ao redor do mundo da escravidão.”



“Trabalhadores, a revolução de outubro deu-lhe as fábricas” – 1919

A marcar a mudança efetuada no pensamento e na ação socialista em relação aos povos oprimidos a partir da Revolução Russa o líder revolucionário vietnamita afirmará que esta *“convocou os povos para colaborarem com os asiáticos e com os africanos para libertá-los do jugo de seus agressores estrangeiros, de todas as potências ocupantes, dos Governadores Gerais, etc,”*.

O impacto da renovação efetuada no marxismo pela Revolução Russa no atinente a questão da opressão colonial foi de tal monta que o filosofo italiano Domenico Losurdo dirá que com ela *“a conclusão do Manifesto Comunista: “Proletários de todos os países, uni-vos!” muda para Lênin. O novo lema era “Proletários de todos os países, e nações oprimidas do mundo, uni-vos!”*. Aliás, é de marcar, ter sido a revolução anti-colonial o principal repto lançado à ordem burguesa ao longo do século XX.

Desta forma, o legado da Revolução Russa traz consigo a inclusão na tradição dos marxismos da centralidade do enfrentamento a ordem imperial e, o destaque aos povos oprimidos do mundo colonial e semi-colonial como sujeitos da emancipação social.

Para ler mais:
Ho Chi Minh (1922). Algumas Considerações Sobre a Questão Colonial
_____(1955). O Leninismo e a Libertação dos Povos Oprimidos
_____(1960). O Caminho Que Me Levou ao Leninismo

Clique aqui e veja todos os capítulos da série

Compartilhe nas redes: